

**PALAVRAS E CENAS: A COMPARAÇÃO ENTRE ATOR E ORADOR EM  
QUINTILIANO (INST. OR. VI, II)**

**WORDS AND SCENES: THE COMPARISON BETWEEN ACTOR AND ORATOR  
IN QUINTILIAN (INST. OR. VI, II)**

Filipe Cianconi Rodrigues  
Graduando em Letras  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
([filipecianconi@yahoo.com.br](mailto:filipecianconi@yahoo.com.br))

**RESUMO:** No segundo capítulo do sexto livro da *Institutio oratoria*, Quintiliano aborda um tema que interessa, principalmente, aos jovens oradores: ele os ensina como, quando devem utilizar as emoções em seus discursos para persuadir o juiz e o público a apoiar sua causa. Ele compara as técnicas artísticas utilizadas pelos atores de drama com as dos oradores. Portanto, o presente artigo busca esclarecer, utilizando exemplos do livro VI de Quintiliano, alguns pontos de afinidade entre os ofícios de orador e ator. Para tal, retiramos excertos de sua *Institutio oratória* e de obras de Cícero, de modo, que consigamos traçar os paralelos entre eles.

**Palavras-chave:** Orador; Ator; Emoções; Quintiliano; Tragédia

**ABSTRACT:** In the second chapter of the sixth book of *Institutio oratoria*, Quintilian discusses a topic that interests, mainly, young orators: he instructs them in how, when and if they should use emotions in their speeches to persuade the judge and the public to support their cause. He compares the artistic techniques used by drama actors to the ones used by orators. Therefore, the present article tries to clarify, by using examples from Quintilian's book six, some points of affinity between the orator's and actor's occupations. To do so, we analyze excerpts from his *Institutio oratoria* and Cicero's works, and delineate the parallels between them.

**Key-words:** Orator; Actor; Emotions; Quintilian; Tragedy

### **Introdução**

A obra *Institutio oratoria*<sup>1</sup>, de Marco Fábio Quintiliano (30 – 96 d.C), tem como finalidade instruir os oradores, sejam estes inexperientes ou não, na **arte do falar bem**. O segundo capítulo do sexto livro apresenta como os apelos emocionais podem e devem ser usados com o intuito de conquistar não só a mente dos juízes e do público, fazendo-os apoiar seus argumentos, mas também acender o sentimento de empatia com o defensor da causa, ganhando também seus corações. Desse modo, Quintiliano nos apresenta sua crença no conceito de que é possível fazer um discurso retórico de maneira sentimental, usando as emoções (*páthos/adfectus*) para atingir seus objetivos e dar créditos às suas concepções. Assim, o orador

---

<sup>1</sup> QUINTILIANO. *Institutio oratoria*. Tradução de Jefferson da Silva Pontes. Doravante, todas as citações extraídas do segundo capítulo do sexto livro estarão baseadas nessa tradução.

conseguiria cativar seus interlocutores apoiando seus argumentos no poder contido nas emoções e, por conseguinte, expondo um discurso esquematizado.

Ao se tratar de retórica (*Ars bene dicendi*), vale ressaltar a principal ambição que subjaz a sua prática: a persuasão. Cícero esclarece que há três elementos ligados ao método de se fazer um discurso para que, no fim, se consiga alcançar o objetivo de persuadir seu interlocutor: “provar ser verdadeiro o que defendemos, cativar os ouvintes, provocar em seus ânimos qualquer **emoção** que a causa exigir” (*De oratore*, II, 115, grifo nosso). Entretanto, Quintiliano, um assíduo leitor de Cícero, vai um pouco além e diz que, assim como os filósofos, o orador, quando necessário, é permitido contar algumas mentiras, sendo estas apenas com o intuito de guiar os juízes à justiça.<sup>2</sup>

Aristóteles, na **Retórica**<sup>3</sup>, enumera alguns casos em que podemos empregar os discursos persuasivos, dentre os quais “quando se fala contra um adversário, ou contra uma tese proposta (já que forçosamente é preciso usar o discurso para refutar argumentos contrários)”<sup>4</sup>. Parafraseando Alexandre Junior (2008, p.37), os meios artísticos usados na tentativa de persuadir alguém são aqueles derivados do caráter do orador (*êthos*), aqueles que advêm da emoção despertada pelo orador no público (*páthos*) e os que derivam dos argumentos (*lógos*) utilizados pelo orador, sejam estes verdadeiros ou apenas prováveis. Portanto, o discurso retórico era cuidadosamente planejado para levar o ouvinte a adquirir empatia com as emoções expostas pelo orador e também suas premissas, estimulando-os a mudar sua opinião, caso necessário, e comovê-los com o discurso preparado.

### **Emoções na *Institutio oratoria***

O tema abordado por Quintiliano nesse segundo capítulo poderia ser interpretado como uma decorrência da tragédia que marcou os últimos anos da sua vida: a morte de toda a sua família. No prefácio desse sexto livro, endereçado a *Marcellus Victorius*, ele relata a tragédia que mudou o rumo de sua vida, julgando-se

<sup>2</sup> Cf. *Institutio oratoria*, II, 17, 27.

<sup>3</sup> ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – casa da moeda, 2005. Todas as citações da *Retórica* estarão baseadas nessa tradução.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 95

vítima da **Fortuna**. Ele cita a morte de sua esposa, e dos dois filhos, e essa narrativa interferiria, certamente, no modo como o leitor compreenderia o texto seguinte, pois este já teria suas emoções despertadas ao ler as linhas melancólicas escritas por Quintiliano.

Matthew Leigh em **Quintilian on the Emotions** faz um breve resumo da vida do autor, focalizando na morte do seu segundo filho, pelo qual Quintiliano parecia ter um apreço mais manifesto; ele sugere que a escolha do tema no prefácio seja uma estratégia retórica aplicada por Quintiliano para acender as emoções dos ouvintes e, em seguida, expõe argumentos listados por Cícero, envolvendo crianças, para suscitar piedade nos ouvintes. São eles: o lamento pela morte de um filho amado<sup>5</sup>, [...] a tristeza pela separação de pais e filhos<sup>6</sup>. Esses exemplos aproveitados por Leigh sustentam a teoria que interpreta o proêmio do livro VI como uma estratégia retórica.

Quintiliano instrui os oradores na arte retórica, na qual a *conquestio* (lamento) tem papel significativo. Cícero diz que “o lamento é o discurso que tenta alcançar a misericórdia do auditório” (CICERO. **De inuentione**. I, 106 apud LEIGH, 2004, p.134). Assim, quanto mais lúgubre e convincente for o lamento, melhor será o efeito gerado pela comoção. Leigh (2004, p. 136) explicita que, se o prefácio do livro VI fosse lido separado do restante, poderia ser tomado como um tributo sincero e emotivo ao filho querido, uma vez que Quintiliano estaria sofrendo pela dor recente da perda dos filhos e de sua esposa. Entretanto, situado onde está, faz parte do sistema, da estratégia adotada por Quintiliano, porque apenas algumas páginas depois, ele ensinaria como causar comoção ou piedade por meio de um discurso retórico.

Quintiliano afirma, portanto, que o uso das emoções para o sucesso da persuasão no discurso é indispensável. Ele bifurca o conceito de emoções/paixões de acordo com os princípios gregos: de um lado havia o *páthos* (πάθος), chamado pelos romanos de “*adfectus*” (**Inst. or.** VI, 2, 12) e do outro, havia o *êthos* (ἦθος), cuja tradução para o Latim seria “*mores*” (Ibidem, VI, 2, 13). O orador deve construir ou, ao menos, apresentar ter um *êthos* que lhe permita ser reconhecido como um

<sup>5</sup> Cícero, **De Inuentione**. I, 107.

<sup>6</sup> Ibidem, I, 109.

homem justo (*uir bonus*), pois assim ele cultivará melhor a confiança do público pela sua bondade. Sobre este ponto, Quintiliano afirma

Finalmente, o *êthos* requer um homem bom e cortês em todos os detalhes. Essas são as virtudes que o orador deve exaltar também no litigante, se for possível, então, ele deve tê-las ou fazer acreditar que as tenha. (**Inst. or.** VI, 2, 18)

Quintiliano ainda orienta como o orador deve se dirigir ao seu público, observando o *decorum*<sup>7</sup> ao discursar, sendo assim um perito no que está se dizendo:

O próprio estilo de falar também deve ser [...] plácido e suave, nada arrogante nem elevado ou sublime: basta falar de modo adequado, agradável e confiável e, por isso, lhe convém, sobretudo o estilo médio do discurso. (**Inst. or.** VI, 2, 19)

Rezende (2010, p. 60) resume as características do orador considerado por Quintiliano como ideal:

O orador ideal, o *uir bonus dicendi peritus*, (Inst., XII, 1, 1) seria um homem íntegro, de firmeza e presença de espírito, dotado de uma ampla formação cultural, alguém que põe todas essas disposições naturais e adquiridas a serviço da oratória, da arte de convencer mediante a palavra.

A eloquência, portanto, é uma grande arma a favor dos oradores quando o assunto é convencer os demais de seus argumentos, porque a tarefa principal do orador é guiar a mente e os ânimos dos juízes e ouvintes pelos caminhos trilhados por suas próprias palavras, levando-os onde ele deseja chegar. E quando o orador utiliza as emoções a seu favor, esse caminho se torna mais espontâneo e simples.

Dentro de sua obra, Quintiliano faz uma curiosa associação: ele liga o *êthos* às *personae* típicas da “comédia de costumes” e relaciona o *páthos* às emoções suscitadas pela tragédia (**Inst. or.** VI, 20). Este é o primeiro indício da comparação amplamente desenvolvida no livro XI, entre os ofícios do rétor e do ator. Aristóteles, na *Poética*<sup>8</sup>, enquadra tanto a comédia quanto a tragédia nas artes da imitação. O autor também propõe que a imitação seja instintiva no homem desde cedo, sendo através dela que adquirimos nossos primeiros conhecimentos e nela

<sup>7</sup> Termo traduzido do grego *Πρέπον* (Cf. Cícero, **Orator**, 70), cujo sentido está ligado à conveniência, ao equilíbrio de se saber o que deve ser dito ou feito e em qual medida.

<sup>8</sup> ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993. As citações da Poética estarão baseadas nessa tradução.

experimentamos o prazer. O que difere uma da outra, dentro deste quadro de imitação, no entanto, é que “procura, esta [comédia], imitar os homens piores e, aquela [tragédia], melhores do que ordinariamente são” (**Poética**, I, 1447a, 14-17).

Partindo deste pressuposto, temos que a comédia é

imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda a espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor (**Poética**, 5, 1449a).

Por outro lado,

é pois a tragédia a imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante a atores, e que, suscitando o ‘terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções’ (**Poética**, 6, 1449b, 24-28).

Sendo a imitação instintiva no ser humano desde cedo, a comparação de Quintiliano se torna menos obscura, pois se a comédia mimetiza os vícios menores, que não apresentam caráter doloroso, está ligada, assim, ao *êthos*, à moral, típicos do *uir bonus*; em contrapartida, a tragédia seria imitação da vida, das nossas ações, uma vez que estamos sujeitos a alterações severas de emoções conforme nosso estado de espírito, sendo esta ligada, destarte, ao *páthos*.

### **Breve análise da comparação Ator x Orador**

A comparação feita por Quintiliano entre os oradores e atores vai se tornando cada vez mais nítida, no decorrer de seu desenvolvimento. O autor descreve alguns exemplos da epopeia de Virgílio, a **Eneida**, destacando a associação que ele faz entre as técnicas de performance utilizadas tanto pelo poeta quanto pelo orador. Desse modo, Quintiliano nos descreve como, em sua opinião, deve-se tentar suscitar as emoções de seus interlocutores:

Em se tratando de suscitar emoções, o mais importante é que sejamos nós mesmos comovidos por elas. Porque, algumas vezes, a imitação do luto e da ira e da indignação será até ridícula, se tanto as palavras quanto o semblante não tiverem refletido o sentimento em si (**Inst. or.** VI, 2, 26)

Cícero já dizia:

No orador, deve-se exigir a agudeza dos dialéticos, as máximas dos filósofos, as palavras, praticamente, dos poetas, a memória dos jurisconsultos, a voz dos atores trágicos, os gestos, quase, dos grandes atores. (**De oratore** I, 128)

O que Quintiliano propõe é que o orador seja também uma espécie de ator, manipulando suas emoções para conseguir agradar, convencer sua plateia de sua argumentação e criar um sentimento de empatia entre eles. O autor afirma que “antes de tentarmos comover, devemos estar comovidos” (**Inst. or.** VI, 2, 28), ou seja, devemos atuar de modo convincente, imitar sentimentos alheios, deixando em equilíbrio o semblante comovido com o discurso planejado para tal.

Ele sugere que os oradores devam se atentar à verossimilhança e induzir suas mentes a acreditar que tenha acontecido a eles os males sobre os quais se lamentam em seus discursos (**Inst. or.** VI, 2, 34). Mais adiante, Quintiliano afirma:

Eu vi várias vezes os atores e comediantes chorando quando tiravam a máscara no momento em que saíam de alguma cena tocante. Ora, se só a declamação de textos alheios sobre falsos sentimentos os instiga a chorar, o que nós faremos, nós que devemos pensar nas estratégias para que possamos ser comovidos como os que experimentaram esses sentimentos? (**Inst. or.** VI, 2, 35)

Essa é uma demonstração do que Quintiliano expunha: há atores que encarnam tão bem o seu papel que não conseguem se desvincular imediatamente da atuação quando a terminam. E pode-se ir mais além: uma vez que os atores estiverem comovidos pelos sentimentos que eles desejam suscitar em seu público, a facilidade com que eles alcançarão o seu objetivo se torna mais natural. É mais provável arrancarmos lágrimas de olhos alheios com lágrimas nos nossos próprios olhos. Assim, o ator e o orador deveriam possuir as mesmas estratégias a fim de provocar em si as emoções destinadas a seus ouvintes.

Alcançar o objetivo de persuadir o público e os juízes depende totalmente do discurso promovido pelo rétor. Atuar de forma verossimilhante é a chave para atingir os ânimos dos ouvintes e criar empatia pela causa defendida. Cícero declara:

Tudo isso [saber o que e quando é conveniente expressar em um discurso] depende da atuação do orador. A atuação, enfático, reina sozinha no discurso. Sem ela, o orador mais perfeito pode não ter importância, um orador mediano, instruído nela, muitas vezes supera os mais perfeitos. (**De or.** III, 213)

E prossegue:

Constava que [Graco] atuara de tal forma com os olhos, com a voz, com os gestos, que seus inimigos não conseguiam conter as lágrimas. Digo isso em muitas palavras porque os oradores, que são os atores da própria realidade, abandonaram inteiramente esse gênero [drama], enquanto os atores, imitadores da realidade, se apossaram dele. (Ibidem, III, 214)

Em se tratando ainda sobre o modo como se deve atuar durante um pleito, Aristóteles discute sobre a **expressão**, dizendo que “na verdade, não basta possuir o que é preciso dizer, mas torna-se também forçoso expor o assunto de forma conveniente” (**Retórica**, III, 1403b, p. 241). Em se tratando deste assunto, vale ressaltar o papel que a **pronúncia** possui para se obter a empatia dos ouvintes e guiá-los para onde for necessário, fazendo-os concordar com os argumentos propostos pelo rétor. Novamente citando Aristóteles, em um discurso, em um fórum,

a pronúncia assenta na voz, ou seja, na forma como é necessário empregá-la de acordo com cada emoção (por vezes forte, por vezes débil ou média) e como devem ser empregues os tons, ora agudos, ora graves ou médios, e também quais os ritmos de acordo com cada circunstância (**Retórica**, III, 1403b, p. 242. Grifo nosso)

Alexandre Junior (2005, p. 241) esclarece que

por “pronúncia” é traduzido o termo ‘υπόκρισις, equivalente ao latino *actio* ou *pronuntiatio*. O termo refere-se propriamente ao acto de pronunciar o discurso em público, como todo um conjunto de técnicas que vão desde a projeção da voz ao próprio movimento do corpo do orador.

Nota-se, portanto, que o termo usado tanto no meio retórico quanto no meio teatral para se referir à ação de seus artífices, seja fazendo um discurso a um juiz ou contracenando em uma peça, é o mesmo: ‘υπόκρισις (*hypókrisis*), ou, em latim *actio/pronuntiatio*. Consequentemente, as expressões ‘υποκριτής (*hypokrités*), em grego, e *actor*, em latim, fazem parte de um conceito cuja definição abrange um campo semântico que descreve tanto o ofício do ator quanto do orador. Esse é um ponto de afinidade inquestionável entre as duas ocupações.

O orador precisa, destarte, transmitir confiança ao seu público e ao juiz, tendo em mente que nem sempre a persuasão se faz apenas com palavras, mas também com gestos, com o modo de se portar ou se vestir e expor seu argumento

ou com um simples olhar digno de compaixão. A preocupação do orador não deve ser simplesmente convencê-los com palavras de um discurso persuasivo, mas sim conseguir tocar as emoções dos seus ouvintes, assim como um ator, forjado para o entretenimento. Ele deve estar envolvido em suas palavras, como se fosse um personagem sendo representado em um amplo teatro.

Quintiliano reitera:

Porque, se queremos que essas atitudes sejam verossímeis, devemos ter os mesmos sentimentos daqueles que realmente padecem com ele – que o discurso nasça do mesmo estado de espírito que desejamos provocar no juiz. Como farei sofrer àqueles que me ouvirem, se no que eu disse não houver sofrimento? (**Inst. or.** VI, 2, 27)

Alexandre Junior (2008, p. 17-18) conclui:

À semelhança de um dramaturgo, o orador deve, por outras palavras, identificar-se com os seus ouvintes e imaginar-se na mesma situação e circunstâncias, cumprindo de igual modo a função de actor. O valor significativo das técnicas dramáticas para a retórica, técnicas tanto trágicas como cômicas, está aliás presente em todo o percurso da educação retórica e da prática oratória, tanto no que respeita à prova ética como à mais emocional prova dita patética.

A comparação entre os dois ofícios – orador e ator – é tão pertinente que Quintiliano faz menção a termos e práticas típicas do universo teatral, sugerindo um reconhecimento entre as atitudes do orador e as do ator diante dos seus ouvintes. Os termos cênicos usados são “*histriones*”, “*comoedos*”, “*personam*”, (**Inst. or.** VI, 2, 35), “*agere*” (VI, 23), “*induere personas*” e “*ingere*” (VI, 2, 26), flexões de “*histrionis*” (ator ou ainda *tragicus histrio*, ator de tragédia), “*comoedus, -i*” (comediante, ator cômico), “*persona, -ae*” (máscara de teatro), “*ago, is, -ere*” (agir, fazer; representar, representar um papel), “*induere personas*” (traduzido aqui como ‘incorporar esses personagens’) e “*ingo, -is, -ere*” (imaginar, inventar, criar, fingir).

Contudo, Alexandre Junior (2008, p. 23) ressalta a “única” diferença que parece separar a oratória do gênero trágico:

Na oratória, o rétor trabalha por construir e viabilizar um desfecho para a causa que argumenta, imperando nela a ignorância do desfecho final; na tragédia, o actor representa e contextualiza um drama que aponta para a resolução final, resolução prevista ou mesmo já conhecida. Do princípio ao fim a tensão em ambas impera, embora mais se sinta na tragédia.

Desse modo, o rétor não é conhecedor do desfecho de sua argumentação. Ele estabelece sua causa, apresenta justificativas de modo a defender seu ponto de vista, aplica as técnicas disponíveis para suscitar as paixões nos seus interlocutores, mas não sabe como será o final da sua alegação. O ator, ao contrário, dramatiza já pensando no desfecho da sua personagem. Desfecho que pode ou não ser conhecido pelo público, mas que, certamente, já está nos planos do intérprete.

Ainda assim, Dominik e Hall (2007, p.230) apontam alguns outros aspectos que sugerem um afastamento entre os ofícios comparados por Quintiliano no segundo capítulo de seu sexto livro da *Institutio oratoria*. Com efeito, pode-se afirmar que certas técnicas do universo teatral, seja cômico ou trágico, conseguiam se adaptar à natureza retórica. Porém

O orador, que, na prática, era sempre um membro das classes mais altas, não deveria se parecer **demais** com um ator. Em primeiro lugar, atores eram profissionais que tinham que trabalhar pra sobreviver (diferentemente dos aristocratas); e segundo, as suas atuações envolviam, frequentemente, gesticulação, ações, e tom de voz que transgrediam as normas da *dignitas* e masculinidade senatoriais.<sup>9</sup> (tradução nossa)

Além dos dois ofícios serem executados por pessoas de classes sociais diferentes, sendo os atores de uma classe menos favorecida que a dos oradores<sup>10</sup>, a ocupação de um *actor* era considerada mais efeminada, ferindo assim a moral da dignidade masculina da época. Todavia, isso não impedia que os advogados fossem instruídos a utilizar as técnicas de atuação teatral (gesticulação, tom de voz, por exemplo) para criar sentimentos, na maioria das vezes, fingidos e atingir o objetivo de persuadir seus interlocutores. Quintiliano cita como exemplo um evento ocorrido consigo mesmo: “frequentemente fui comovido a ponto de não só as lágrimas me escaparem, mas até de empalidecer e demonstrar sofrimento semelhante ao genuíno”<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> “The orator, Who was in practice always a member of the upper classes, should not appear **too much** like an actor. In the first place, actors were professionals who had to work for a living (unlike aristocrats); and second, their performances often involved gestures, actions, and voices that contravened the norms of senatorial *dignitas* and manliness”.

<sup>10</sup> Cf Dominik e Hall, 2007, para mais informações.

<sup>11</sup> QUINTILIANO. *Inst. or.* VI, 2, 36. *Frequenter motus sum ut me non lacrimae solum deprenderent, sed paror et ueri similis dolor.*

## Considerações finais

Percebe-se, assim sendo, o papel importante que as emoções e os meios de provocá-las possui dentro do discurso retórico. As técnicas e exemplos apresentados por Quintiliano são de extremo valor para alcançar o objetivo de uma peroração. O ganho da confiança do ouvinte, a manipulação das emoções – tanto próprias do orador quanto as dos interlocutores – e os argumentos certos, quando entrelaçados, têm um poder de persuasão grande, ganhando não só os ânimos dos ouvintes, mas também seus corações. Deve-se observar que todo orador dispõe de um pouco de ator e todo ator também tem algo de orador.

Ressaltando o que fora citado acima, o *êthos*, segundo Quintiliano, é ligado aos comediantes e o *páthos* aos atores trágicos. A sua afirmação (**Inst. or.** VI, 2, 20) explica-se, a nosso ver, pelo fato de as tragédias serem capazes de suscitar mais facilmente emoções veementes nos seus ouvintes. Contudo, os atores precisam realmente se empenhar em atuar de forma convincente e realista, empregando os procedimentos sobre os quais Quintiliano escreve. O ator de comédia, por sua vez, estaria mais ligado ao *êthos* por causa do *modus operandi* típico da comédia romana, como popularizada por Plauto: as tramas são tecidas a partir de personagens de caráter marcado e sempre recorrentes – o escravo malandro, o velho avarento, a virgem em perigo, o soldado arrogante, o moço lascivo etc. Pode-se aventar, ainda, uma explicação adicional: a comédia representa sentimentos mais serenos e brandos – a sensação de alívio que provamos ao assistir a uma peça cômica ou a uma cena engraçada –, justamente o que o riso é capaz de nos conferir.

Os oradores precisam saber manipular suas emoções, pois enfrentarão causas variadas e juízes diferentes. Devem fazer como os atores: mudar o semblante conforme as emoções e dar verossimilhança a sentimentos inventados, como se fossem genuínos. Ainda como os atores de drama, devem ser capazes de representar e traduzir as emoções visualmente, através de gestos e expressões faciais e corporais, transportando o público para a mesma sintonia patética onde se encontram. Atuando de forma verossimilhante, o orador conseguirá cumprir sua função de persuadir o juiz e o público: se ele próprio acredita nas suas emoções, ele atua de forma convincente; atuando de forma convincente, a plateia e os juízes

também passam a acreditar em suas premissas; estes acreditando, constroem certa empatia pelo orador, que alcança sua finalidade de persuadi-los através de sua argumentação e sentimentos fantasiados.

O estudo da arte retórica na Antiguidade se consolidou, ao longo de muitos séculos, como ferramenta de fundamental importância na constituição do homem como cidadão livre e politicamente ativo. Estruturar as ideias para serem expostas publicamente e elaborar pleitos de modo convincente eram habilidades muito valorizadas no cotidiano das sociedades antigas, e ainda perduram nos tempos hodiernos. Desse modo, tentamos aqui, resumidamente, apresentar algumas considerações tecidas por Quintiliano nesse excerto (capítulo dois, sexto livro) de sua vasta obra sobre a *Educação do orador*. As obras de Aristóteles e Cícero citadas aqui contextualizam as comparações que Quintiliano propõe entre os campos da retórica e do teatro, tendo sido ele um leitor entusiasmado de ambos os rétores grego e romano. Ao comparar os artistas dos campos teatral e retórico, servimo-nos de exemplos extraídos da **Poética** e a **Retórica** de Aristóteles e o **De oratore** de Cícero para corroborar a exposição de nossas ideias.

## Referências

ALEXANDRE JÚNIOR, M. **Eficácia retórica: A palavra e a imagem**. In: Revista Rhêthorikhê, nº0, março de 2008, Covilhã.

ARISTOTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

\_\_\_\_\_. **Retórica**. Tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – casa da moeda, 2005.

CICERO, **De Oratore**. In.: SCATOLIN, Adriano. **A invenção no “Do Orador” de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares, I, 9, 23**. Tese de Doutorado (Doutor em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

DOMINIK, W.; HALL, J. (Edt). **A Companion to Roman Rhetoric**. Blackwell Publishing, 2007

FARIA, E. **Dicionário escolar Latino-Português**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

LEIGH, M. **Quintilian on the Emotions (Institutio Oratoria 6 Preface and 1-2)**. In: The Journal of Roman Studies, Vol. 94, 2004, pp. 122-140.

QUINTILIAN. **Institutio oratoria**. Ed. Michael Winterbottom. Oxford: Oxford University Press, 1970. 2v.

\_\_\_\_. **Institutio oratoria**. Books I-III. Translated by H. E. Butler. London Harvard University Press, 1920. The Loeb Classical Library.

\_\_\_\_. **Institutio oratoria**. V. II. Translated by H.E. Butler. London: Harvard University Press, 1921. The Loeb Classical Library.

\_\_\_\_. Institutio oratoria. In: \_\_\_\_ PONTES, J. da S. **Páthos e êthos no livro VI da Institutio oratória de Quintiliano: poesia e drama na peroração**. 2014. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Língua e Literatura Latina) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

REZENDE, A. M. de. **Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano**. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português**. 12. Ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

Recebido em 01 de março de 2015  
Aprovado em 08 de abril de 2015